

O Ensino Profissional

Analisar o Passado e Olhar o Futuro

Título	O Ensino Profissional Analisar o Passado e Olhar o Futuro
Comissão organizadora	Joaquim Azevedo Francisco Jacinto José Luís Presa José Matias Alves Luísa Orvalho
Edição	Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Educação e Psicologia
Design e paginação	LabGraf
Execução gráfica	LabGraf
Depósito legal	291276/09
ISBN	978-989-96186-0-2

ÍNDICE

Nota de Apresentação	9
<hr/>	
CONFERÊNCIAS	
ESCOLAS PROFISSIONAIS 1989-2009: AS OPORTUNIDADES E OS RISCOS DE UMA INOVAÇÃO EDUCACIONAL QUE VIAJOU DA MARGEM PARA O CENTRO Joaquim Azevedo	13
DO IMPACTE SOCIAL E DA EMPREGABILIDADE DO ENSINO PROFISSIONAL Luís Imaginário	51
<hr/>	
PAINÉIS	
1. AS ESCOLAS PROFISSIONAIS, 20 ANOS DEPOIS: CONSTRUIR O FUTURO	
20 anos de Ensino Profissional – analisar o passado, olhar o presente e delinear o futuro José Luís Presa	63
Escolas Profissionais e Educação Profissional para todos ao longo da vida: práticas que ensaiam caminhos Fátima Antunes	79
As Escolas Profissionais 20 anos depois: construir o futuro Margarida Marques	83
2. O ENSINO PROFISSIONAL NAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS: RISCOS, DESAFIOS E CAMINHOS DE SUCESSO	
Caminhos de Sucesso Luís Capucha	91
O Ensino Profissional nas Escolas Secundárias: um referencial para a análise da mudança Luísa Alonso	107
O ensino profissional na Escola Secundária Padre Benjamim Salgado: um caminho para a qualificação profissional – que identidade? José Alfredo Mendes	113

COMUNICAÇÕES LIVRES

1. A FORMAÇÃO E OS NOVOS PAPÉIS DOS PROFESSORES DO ENSINO PROFISSIONAL

Profissões e Profissionalidade: Inquietações éticas num mundo global 121
Helena de Fátima Gonçalves de Castro

A problemática da avaliação na promoção do sucesso educativo 131
António João Pinto Bernardo Ferreira

Estratégias para qualificar profissionais 135
António Soares
Márcia Ferreira
António Sousa

O Ensino Profissional na Escola Secundária: (Re)construir o projecto vocacional 163
Isabel Quirino Oliveira

2. AMBIENTES EDUCATIVOS EMERGENTES: AS POTENCIALIDADES E CONTEXTOS DE UTILIZAÇÃO

Dossier técnico pedagógico digital e e-escola nos cursos profissionais 169
Luís Cerejeira
Carlos Carvalho

Clima de escola: estudo comparativo entre escolas profissionais e escolas de ensino geral 173
Vítor Alaiz
Miguel Lage
Natália Magalhães
Duarte Ribeiro

Do ensino modular ao ensino por eLearning – uma evolução natural para o Ensino Profissional 177
Ana Salvo Paiva

Uma experiência de utilização do moodle no ensino profissional 181
Rosa Silva

3. DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA, GESTÃO, AVALIAÇÃO E PROGRESSÃO MODULARES

Estrutura modular nos cursos profissionais das escolas secundárias públicas como trampolim para o sucesso: ...dos princípios de enquadramento curricular e pedagógico... às práticas na sala de aula e trabalho colaborativo 189
Luísa Orvalho
Luísa Alonso
Joaquim Azevedo

Em torno de um conceito-problema: a progressão modular dos cursos profissionais (1989-2009) 211
João M. Gonçalves
Pedro Martins

Diferenciação pedagógica e sucesso educativo 217
Irene Santos

	A avaliação modular	221
	Olga Maria Monteiro Ferreira	
121	A diferenciação pedagógica na sala de aula de área de integração	225
	Arminda Ferreira	
	Lurdes Dinis	
131	Diferenciar para o sucesso: uma experiência no curso profissional de Animação Sociocultural	235
	Teresa Alexandra Dinis dos Santos de Jesus	
135	Ana Paula Godinho	
	4. RELAÇÃO ESCOLA/MUNDO DO TRABALHO	
163	Escola e Profissão – a caracterização profissional de um percurso formativo	239
	Rute Machado	
	Hélder Pinheiro-Pita	
169	Formando caminhos de empregabilidade e de desenvolvimento local – a EPADRV em relação com a comunidade envolvente	253
	Susana Pires	
	Fernando Santos	
	Maria Augusta Vieira	
173	Educar e formar adultos – oportunidades novas em desafios antigos	261
	Joana Fernandes	
177	Benefícios, inconvenientes e factores chave de sucesso da implementação da Norma ISO 9001:2000 nas Escolas Profissionais	267
	Jorge Gambôa	
	Nuno Melão	
181		
189		
211		
217		

EDUCAR E FORMAR ADULTOS – OPORTUNIDADES NOVAS EM DESAFIOS ANTIGOS

JOANA FERNANDES¹

A aposta na qualificação da população portuguesa é hoje um tópico de incontornável debate, reflexão e questionamento. Esta aposta traduzida na Iniciativa Novas Oportunidades, concretizada nos e pelos centros de Novas Oportunidades (CNO), encontra-se actualmente revestida de múltiplas formas, especificidades e disponível em diferentes locais, direccionando-se, contudo, para um mesmo e singular objectivo – aumentar o nível de qualificação escolar e/ou profissional da nossa população, a portuguesa. Em tempo de investimento e de aposta, são facilmente identificáveis inúmeras oportunidades novas, para os adultos, para as empresas, para os agentes de educação e formação, para os diferentes parceiros sociais e para o Estado. Naturalmente, o modo como cada um destes observa, pensa e extrai proveito destas oportunidades é bastante distinto. Simultaneamente e em paralelo a estas oportunidades novas, continuam a manifestar-se uma série de desafios, que poderão introduzir atropelos de gravidade variável a cada uma destas oportunidades.

Oportunidades novas

A rede de CNO é actualmente composta por 459 centros, promovidos por diferentes entidades (estabelecimentos de ensino, centros de formação profissional, autarquias, empresas e associações). Estes centros assumem como missão disponibilizar a todos os cidadãos maiores de 18 anos uma oportunidade de qualificação e de certificação, de nível básico ou secundário, adequada ao seu perfil (Gomes & Simões, 2007). Os CNO encontram-se disponíveis e orientados para o funcionamento em itinerância, procurando assim potenciar uma aproximação entre as ofertas e os adultos, habitualmente, afastados das “oportunidades”. Procura-se assim, através do funcionamento em itinerância, encurtar as barreiras das distâncias físicas, assumindo-se que todas as outras paulatinamente também desaparecerão.

A procura do CNO surge, habitualmente, por uma de duas formas: pela iniciativa individual do aprendente ou pelo contacto de uma organização, que pretende disponibilizar uma oportunidade de qualificação e de certificação aos seus colaboradores. Por parte dos responsáveis das organizações a procura surge frequentemente motivada pela vontade de aumentar o nível de qualificação dos seus trabalhadores, sem o envolvimento de encargos

1. Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa (UCP) – jfernandes@porto.ucp.pt. Centro de Serviços e Apoio às Empresas (CESAE) – Joana.Fernandes@mail.cesae.pt.

económicos. Para as empresas, esta oportunidade pode constituir um importante incremento do seu potencial de gestão dos recursos humanos (Bjornavold, 1997). As condições disponibilizadas pelas diferentes organizações para o desenvolvimento destas ofertas variam em diversos aspectos, tais como: no apoio disponibilizado aos trabalhadores, no horário de funcionamento do processo (enquadrado ou não no horário de trabalho), nas condições disponibilizadas para o seu funcionamento, entre outros. Por parte dos colaboradores, a adesão surge, habitualmente, motivada pelo reconhecimento dos benefícios do investimento em acções de educação/formação, evidenciando, na maioria dos casos, o reconhecimento da falência do modelo económico de um emprego para toda a vida. No entanto, a participação e o compromisso com uma nova oportunidade de qualificação e certificação, apesar de propiciada pela própria empresa, deve respeitar a igualdade de acesso e de tratamento, e deverá resultar da iniciativa individual e voluntária de cada colaborador (Pires, 2007).

Das etapas iniciais de intervenção num CNO fazem parte o acolhimento, o diagnóstico e o encaminhamento (Almeida et al., 2008). Após vários momentos colectivos e individuais de recolha e de exploração de motivações, expectativas, percurso pessoal, social, escolar, formativo e profissional espera-se que o aprendente, com o apoio de um profissional (Técnico de Diagnóstico), seja capaz de construir e definir o seu percurso educativo/formativo. Das diferentes ofertas de encaminhamento possíveis constam: cursos de educação e formação de adultos (EFA), sistema de aprendizagem, cursos científico-humanísticos, cursos de ensino recorrente, cursos de qualificação profissional, processos de RVCC (escolar e profissional), formações modulares certificadas, cursos de especialização tecnológica, vias de conclusão do nível secundário de educação (Decreto-lei n.º 357/2007, de 29 de Outubro) e acesso ao ensino superior pelo sistema maiores de 23 anos. Com esta opção de encaminhamento espera-se que cada aprendente inicie, com responsabilidade e autonomia, o percurso por si explorado e construído, que culminará numa certificação.

A iniciativa Novas Oportunidades promoveu o alargamento do nível de certificação escolar, do nível básico para o nível secundário. Deste modo, o lançamento do Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário constitui uma nova oportunidade de certificação no nível secundário de ensino. A aplicabilidade deste referencial aos cursos EFA, bem como aos processos de RVCC, traduz a tentativa de consolidação deste nível de escolaridade como patamar mínimo de qualificação dos portugueses.

Neste contexto, surge também um instrumento de gestão estratégica das qualificações nacionais de nível não superior – o Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ). O CNQ integra 229 qualificações para 37 áreas de educação e formação (50,2% conferem o 9.º ano de escolaridade e o nível 2 de qualificação, 45,4% conferem o 12.º ano de escolaridade e o nível 3 de qualificação e 4,4% conferem o 12.º ano de escolaridade e o nível 4 de qualificação). O catálogo apresenta para cada qualificação o Perfil Profissional, o Referencial de Formação e, em 28 casos, o Referencial de RVCC Profissional associado. O Processo de RVCC Profissional também se constitui como uma nova oportunidade para todas as pessoas, com mais de 18 anos, que desenvolveram e adquiriram saberes e competências através do trabalho ou noutros contextos e pretendem torná-los reconhecidos através de uma certificação formal.

De

Se

numa

tabelo

a omi

nanci

tes m

dos ar

persis

unive

na cor

alizac

do qu

cada c

o enc

ultrap

para c

e apr

impos

piciar

Ne:

impor

esta d

curso

Oport

que o

nos a

apren

deveri

ção de

pelo p

existir

zação

de gra

gnósti

impres

do afa

vençã

ciativa

e apar

Desafios antigos

Se, por um lado contamos, actualmente, com diversas novas oportunidades traduzidas numa oferta formativa numerosa e diversificada, por outro, permanecem obstáculos no estabelecimento de uma articulação harmoniosa entre esta oferta e a procura. Considerando a omnipresença do sistema educação/formação traduzida em ofertas públicas, privadas, financiadas e não financiadas, presenciais e à distância, largamente divulgadas pelos diferentes meios de comunicação social, talvez o problema não seja de falta de estímulo por parte dos adultos a quem estas ofertas se destinam (Conselho Nacional de Educação, 2007). Parece persistir a dificuldade em identificar e seleccionar a oferta mais adequada de entre um novo universo de oportunidades. É aos CNO que cabe a responsabilidade de apoiar o aprendente na construção do seu percurso de qualificação, disponibilizando-lhe uma resposta individualizada. No entanto surge o desafio antigo de tentar tornar estes acompanhamentos, mais do que individualizados, personalizados, procurando que cada oferta se adapte ao perfil de cada aprendente e não o inverso. Sem esta garantia de apoio e atendimento personalizados, o encaminhamento e, concomitantemente, o trabalho do técnico de encaminhamento, não ultrapassariam a lógica do *matching* (oferta – aprendente). Em adição, parece ser crucial para o bom funcionamento dos CNO a possibilidade de estes oferecerem respostas rápidas e apropriadas às necessidades dos adultos que os procuram. Para isso, será praticamente impossível trabalharem em isolamento, pois só um funcionamento em rede e parceria propiciará uma resposta rápida, coesa e harmoniosa a cada aprendente.

Nesta iniciativa, o produto, traduzido na certificação, parece continuar a apresentar uma importância superior relativamente ao processo subjacente de reflexão e de construção. Sem esta dimensão da certificação através de uma qualquer oferta educativa/formativa, o percurso do aprendente no CNO é considerado infrutífero (pelo menos à luz da iniciativa Novas Oportunidades e consequentemente, do profissional/da equipa técnico-pedagógica do CNO que o acompanhou). No entanto, considerando o público-alvo dos CNO, deveria importar menos a concretização de um resultado quantificado do que a oportunidade de confronto deste aprendente com a reflexão relativa ao seu percurso. A relevância da sua passagem pelo CNO deveria garantir, sim, um incremento da sua responsabilização pela condução e concretização de projectos para si significativos. Por sua vez, a análise dos resultados essencialmente pelo plano quantitativo, introduz também desafios às equipas destes centros. Apesar de não existir contradição ou mútua exclusividade entre a quantidade e a qualidade, a sobrevalorização do plano quantitativo poderá conduzir a intervenção das equipas a atropelos diversos, de gravidade variável. Deste modo, a formação dos agentes implicados – técnicos de diagnóstico, técnicos de RVC, formadores, avaliadores externos, etc. – constitui-se como um eixo imprescindível para a garantia da qualidade dos processos em causa (Pires, 2007). A garantia do afastamento de metodologias e quadros conceptuais escolarizados no âmbito da intervenção num CNO constitui também um desafio. Com efeito, das ofertas propiciadas pela iniciativa Novas Oportunidades é esperada uma dimensão emancipatória, aberta à diversidade e apartada da prática escolarizada e de segunda oportunidade educativa (Barbosa, 2004).

Apesar de os CNO assumirem etapas de intervenção marcadamente distintas dos antigos Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (CRVCC) sobretudo ao nível do acolhimento, diagnóstico e encaminhamento, abrindo as portas para uma panóplia de ofertas formativas e novas oportunidades, os aprendentes continuam a associar o CNO aos processos de RVCC. O património de competências do aprendente que pretende desenvolver este processo deve ser o principal preditor de sucesso no mesmo. Quaisquer outras razões como a escassez de tempo, a rapidez do processo e o conhecimento de um caso bem sucedido, não podem ser os motivos para o envolvimento neste tipo de processo. Na verdade, o processo de RVCC pode assumir uma importância capital para todos aqueles que, apesar de muito diferentes entre si, foram sendo esquecidos ou deixados para trás pela sociedade, e pelas oportunidades (Dias & Fernandes, 2006), não podendo contudo ser a panaceia para os problemas de subcertificação da população portuguesa

Oportunidades novas em desafios antigos

No espaço que medeia estas oportunidades novas e estes desafios antigos persiste um universo de dúvidas, de desafios e, desejavelmente, de sucessos. Alguns poderão pensar que destas oportunidades novas não virá mal algum, receando que, possivelmente, também não venha o ansiado bem. Reconhecendo que esta iniciativa já criou nos destinatários, nos profissionais e nas empresas uma série de expectativas positivas, poderá ser importante tentar transformar estes desafios em potencialidades, de forma a promovermos verdadeiras novas oportunidades para todos.

REFERÊ

Almeida
e IOP.

Barbosa

Bjornav
Revista

Conselh
e inovaç

Dias, M.
adulto c
nal de F
oportun

Gomes, I

Pires, A.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida et al. (2008). *Metodologia de Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento de adultos*. Lisboa: ANQ e IOP.
- Barbosa, F. (2004). *A educação de adultos: uma visão crítica*. Lisboa: Estratégias Criativas.
- Bjornavold, J. (2007). Avaliação dos conhecimentos não-formais: qualidade e limites das metodologias. *Revista Europeia CEDEFOP*, 12, 58-75.
- Conselho Nacional de Educação (2007). *Aprender ao longo da vida: investimento, qualificação, cooperação e inovação*. Lisboa: CNE.
- Dias, M. & Fernandes, J. (2006). Certificação no Processo de RVCC: e depois? As repercussões do RVCC no adulto certificado e o papel dos profissionais na experiência de certificar. *Actas da 8.ª Congresso Internacional de Formação para o Trabalho Galiza – Norte de Portugal –, subordinada ao tema “Os desafios das novas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida: Orientar – Qualificar – Certificar”*.
- Gomes, M. & Simões, F. (2007). *Carta de Qualidade dos Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: ANQ.
- Pires, A. (2007). Reconhecimento e Validação das Aprendizagens Experienciais. *Sísifo*, 2, 5-20.